

Uma perspectiva marginal

Derek Pardue¹

Resumo: A hipótese deste artigo parece uma contradição. Baseado numa interpretação de exemplos empíricos de processos heurísticos em nível individual e coletivo, argumento que a margem é um centro de produção material e simbólica. A premissa do texto é que a margem não representa simplesmente os restos de arte, literatura, interação social, urbanização, desenvolvimento ou outras formas de produção humana. Ao contrário, a margem facilita a constituição de objetos cotidianos e noções de senso comum da vida humana.

Palavras-chaves: margem, teoria social, semiótica, urbanização, cotidiano

Marginal perspective

Abstract: The hypothesis of this article seems to be a contradiction. Based on a close reading of empirical examples of individual and collective heuristic processes, I argue that the margin is a center of both material and symbolic production. The premise of the text is that the margin is not simply the leftovers of art, literature, social interaction, urbanization, development or other forms of human production. Rather, the margin helps constitute everyday objects and common sense notions of human life.

Keywords: Margin, Social Theory, Semiotics, Urbanization, Everyday life

“Para nós, é uma mentalidade (e, sim, um lugar).”²

(editor de um *site* virtual sobre “exurbs”)

1 Department of Anthropology – Brown University and Southern Connecticut State University – Estados Unidos da América – dppardue@gmail.com

2 Veja www.exurbmagazine.com/about: What’s with the name Exurb?; acesso em fev. 2010.

“De que forma o espírito predominante se manifesta então?”
(geógrafo David Harvey)

“Sei que é horrível falar isso, mas frequentemente a moda mais
deslumbrante vem da gente mais pobre.”
(desenhista de moda Christian Lacroix)³

Utilizo este espaço textual como uma provocação para pensarmos sobre o “sentido” da palavra “margem”, ou seja sua definição e sua direção. Eu me concentro na “cidade” porque o conceito e a prática de “margem” assumem uma dimensão mais visível, mais padrão e mais efetiva sobre as formas e os sentimentos de nossa realidade. A “margem” nos leva e denomina a definição do objeto, centro, conteúdo e substância. Em sua essência, argumento que o *sentido* de “margem”, manifestada em formas materiais, conceitos socioculturais e ideologias históricas, depende de uma articulação entre a agência social (as práticas de pessoas) e a estrutura social de poder num certo contexto.

Essas três frases citadas acima revelam a heterogeneidade da margem em suas forças de definir estilos, modos de pensar e a mentalidade de residência. Defendo a primazia da “margem”, um termo apenas técnico nas áreas de *design*, e de significância pejorativa nas disciplinas sociopolíticas.⁴ Em ambas, porém, o conceito se limita ao senso comum do objeto ou do resultado, algo sem agência ou presença própria. Em sua análise sobre arte, Jacques Derrida (1987) sublinha a importância do enquadramento. Por meio de um diálogo com o sistema estético de Kant, Derrida recupera o termo *parerga*, que significa “acerca ou sobre a obra”. A margem não é nem a “figura” nem a ausência; ela destaca a substância do fenômeno. Para Derrida, a *parerga* é uma característica definidora de uma “gramatologia” ou “*shape grammar*” (Derrida, 1976; Stiny and Gips, 1972) potencial da arte visual. Além de impor definição na concepção e no reconhecimento do objeto, a “margem” se constitui como um espaço precário, que precisa ser protegido e monitorado. Essa ligação entre perigo e segurança faz que a margem se torne um *locus* de julgamento. A avaliação da margem nasce de vários pontos da sociedade, orgânicos e locais, tanto quanto do Estado e de agências internacionais (Das e Poole 2004).

3 1994, apud Klein, 2009: 63.

4 Refiro-me à leitura substancial nas disciplinas de ciências sociais sobre a “marginalidade” e suas ligações ao processo de desigualdade. Por exemplo, veja: Maricato, 1996; Kowarick, 1985; e Perlman, 1976, sobre o Brasil; e Omi e Winant, 1994; Wacquant, 1999, 2001, sobre os Estados Unidos e a Europa.

Neste artigo argumento que “a margem” deve ser pensada como um conceito que permite a percepção, a definição e a avaliação de fenômenos essenciais, como identidade, sociopolíticos, como o estado (Das e Poole, 2004:4), e espetáculos, como “a cidade”. A “margem”, no sentido de “outro” e de “fora” para “dentro”, se manifesta em nossos maiores atos de construção e imaginação. Como têm demonstrado inúmeros pesquisadores interdisciplinares, o processo de urbanização em lugares como Brasília e São Paulo ou Nova York e Chicago tem dependido da mão de obra do “outro”, a pessoa que teoricamente não era o sujeito ou o usuário da cidade.

Minha narrativa e análise se baseia em experiências de pesquisa e moradia. Morei quatro anos em São Paulo, passei três meses na cidade de Praia e morei sete anos na cidade de St. Louis, nos Estados Unidos. Longe de ser aleatória, minha seleção de campos nos Estados Unidos, Brasil e Cabo Verde demonstra estrategicamente uma escala variada de “margem” e suas influências na substância e no conceito do lugar. O tema que entrelaça todos os exemplos principais neste artigo é o cotidiano. Este ensaio não trata de espetáculos, rebeliões, invasões ou celebrações da margem sobre o centro. Repito que a diferença localiza-se na escala e nas histórias espaciais. No caso de muros no bairro de Lem Ferreira (Cabo Verde), sugiro que a ideia de margem seja algo significativo mesmo internamente de uma comunidade marginalizada socialmente pela sociedade *grasso modo*. Por sua vez, as reflexões do *hip hopper* Bronx (São Paulo) implicam uma interação entre a periferia suburbana e o centro metropolitano. Finalmente, o uso e o *marketing* do edifício *Pet Building/Pointe 400* (St. Louis) enfatiza a interdependência entre agentes e conceitos do “outro” na construção e no desenvolvimento de distinção social.

Base teórica

Minha constatação de que a “margem” é uma substância semiótica emerge de uma adoção tácita das teorias semióticas do filósofo de linguística e lógica Charles Peirce, mais do que as de “*semiosis*” de Ferdinand Saussure. Este texto não se define como um tratado sobre significação. Simplesmente quero argumentar que a contribuição da “margem” no sentido da cidade como uma formação de conteúdo e hierarquia social não somente se relaciona a um “centro” ou “objeto” (uma posição saussuriana normalmente afirmada em termos oposicionais), mas também frequentemente envolve a presença sensorial e estética, seja tátil, seja sonora, seja visual, aquilo que não pode ser explicado teoricamente como “diferença” ou contraste. A materialidade de muros de proprietários, portões de estilo barroco de bairro e pilhas de papel mal arrumadas, interpretada na análise a seguir, exige uma atenção formal ou o que o Peirce chamaria de “*firstness*”, o sentido em

primeiro grau (Peirce, 1992; 1998). Além disso, um foco meramente na comparação entre *emic/etic* na determinação de fenômenos pode potencialmente embaçar nossa percepção do papel da convenção. Por exemplo, o reconhecimento de *brasilite* como um atributo da favela e da periferia ou, no mesmo espírito, de colunas greco-romanas na *exurb* da cidade de Irvine, no estado da Califórnia, ocorre, em parte, devido a uma padronização formal e uma reprodução baseada numa “gramática formal” (“*shape grammar*”) operacional (Cagdas, 1996; Duarte e Rocha, 2007). Enquanto Peirce não descreve sua noção de “símbolo” ou “*thirdness*” (sentido em terceiro grau) como “padrões” ou em termos político-econômicos de capitalismo, sua discussão de convenção é útil para desenvolver um conceito mais completo de significação na medida que ele se relaciona à subteorizada “*margin*”⁵.

Enquanto é difícil concluir algo definitivo sobre percepção com métodos antropológicos e históricos, podemos inferir a ligação entre a presença sensorial e a categorização sociopolítica. A partir do momento em que um aspecto, uma forma, um símbolo seja reconhecido como algo distinto do objeto, começamos a estabelecer uma categoria. Criamos categorias de objetos, sejam materiais (salas de estar, formas de portas residenciais *versus* comerciais, carros), sejam sociais (adulto, estudante, operário, executivo, doméstica, sem-teto, fulano de tal).

As categorias se concretizam por meio do padrão. Percebemos que o padrão se mantém e desenvolve via reprodução “expandida”, novamente material e social (Marx, 1992). O discurso e a fábrica com seus efeitos operam paralelamente para desenvolver dinamicamente os tipos de “bom moço”, “o marginal” tanto quanto a fachada greco-romana das exúrbias norte-americanas, o “tijolo baiano” da periferia brasileira. O sentido da “coisa” é sempre um resultado de relações sociais, que tendem a reproduzir a hegemonia estrutural. A “margem” não é epifenomenal deste processo; ela é essencial na construção semiótica exatamente nas coisas que nos orgulhamos de ter criado – a cidade e o sentimento “moderno” de atualidade.

No caso de arquitetura, os aspectos materiais de padrão ajudam no processo não somente de desenhar edifícios, mas também em programar os mecanismos de reproduzi-los. Ou seja, podemos traçar uma relação entre o aspecto e o padrão, um conceito de julgamento, que envolve a dinâmica do senso comum e um

5 Como os termos *firstness* e *thirdness* indicam, Peirce se preocupava profundamente com a sequência de percepção, reconhecimento e determinação de fenômenos no processo de significação. Na minha opinião, a ordem de convenção, presença e indexicalidade (um tipo de “*secondness*”) no processo humano de significação é indeterminável e tal teorização não deixa de ser meramente imaginação. Minha apreciação e utilização de Peirce baseia-se na diversificação no modo como o sentido se realiza e na ênfase que Peirce colocou no elemento de ação na construção do sentido.

fenômeno empírico, que inclui a produção material e a espacialização de capitalismo. Segundo os críticos Ortega e Carpo, a padronização ou *standardization* nas profissões de desenho industrial atualmente não significa mais replicação. Devido à tecnologia digital, a orientação entre o cliente e o *designer* é capturada em oximoros, tais como “*mass customization*” (Tseng, Jiaoxin e Merchant, 1996). O produto é a mesma coisa (re)produzida em escala massiva, mas a “coisa” inclui um espectro de variação formal, que por razões de percepção e *marketing* não foge do reconhecimento de tal coisa.

Em termos políticos, o poder só estrategicamente reconhece a fonte do padrão. Seus articuladores estão mais interessados no desenvolvimento de acumulação de capital e por extensão influência. A presença da margem existe como uma oportunidade de ampliar ou interromper o fluxo de poder. No ponto de vista espacial, o padrão é um paradigma de atuação contemporânea (Carpo, 2009), que de uma perspectiva sociológica ajuda a refletir sobre a organização de segregação residencial e comercial. O padrão, como um resultado de reprodução e avaliação, registra a hierarquia e permanece como uma memória de vida na reflexão cotidiana de identidade.

A margem interna: o caso de Lem Ferreira

“Depois que o Deus fez a terra, ele esfregou as mãos e caíram uns migalhos, que virariam o arquipélago de Cabo Verde.”
(ditado popular)

“Costumávamos ter uma sociedade sem classes, mais ou menos todo mundo humilde, mas semdivisão, agora com os repatriados, o crime, e talvez com o turismo, temos esse problema de separação.”
(colocação durante um debate público sobre urbanização)

Recentemente estive em Cabo Verde, na capital, Praia, na ilha de Santiago, a pesquisar as práticas de cidadania através da língua/cultura *kriolu*. Apesar de ter uma população modesta, de cem mil habitantes, a cidade de Praia representa um quarto da população nacional e um exemplo de escalas múltiplas de margem. Durante muitas conversas com jovens, executivos e funcionários da mídia e de agências de assistência social, ouvi histórias sobre a marginalidade do bairro Lem Ferreira e especificamente sobre um grupo de jovens *rappers* chamado Karaka. Antes de apresentar o Karaka, considero o contexto de Cabo Verde e ressalto a sua importância distinta para a proposta deste artigo.

Em contraste com os Estados Unidos e o Brasil, Cabo Verde existe geograficamente, economicamente e arquitetonicamente, em sua grande maioria, em função do outro e do emigrante cabo-verdiano. O mito de origem religiosa e folclórica citado acima foi usado em várias ocasiões pelos interlocutores durante minha estadia para me explicar as dificuldades locais e, por bem ou mal, a influência do externo no cotidiano cabo-verdiano. Narrado com dados mais empíricos, as remessas dos emigrantes, que compunham mais do dobro da população nativa do território, correlacionam-se a 30% do PIB e mais 10% vêm de ajuda internacional. Além disso, desde os anos 1990, a urbanização da cidade de Praia e em outras ilhas, tais como Sal e Boa Vista, surge de planos de empresas, italianas e inglesas principalmente, de desenvolvimento turístico internacional e projetos residenciais de padrão luxo acompanhados de comércio e serviços (Moassab, 2013).

Esses projetos de “modernização” coincidiam com uma mudança no governo, na qual o MPD, o partido neoliberal em favor de privatização, tomou controle, e com um crescimento de circulação de produtos ilegais, isto é, armas e drogas. Quanto à cultura popular, os anos 1990 foram uma época de influência forte da cultura *hip hop*, mais intensa ainda considerando que o maior ponto diaspórico cabo-verdiano está nas áreas metropolitanas de Boston e Providence nos Estados Unidos. Atualmente, na cidade de Praia existe um discurso sufocante representado numa forma mais diplomática na segunda citação acima, que entrelaça a influência externa, um sentimento de medo dos *thugs*⁶, um crescimento de bairros precários na periferia com a presença dos *rappers* nos espaços públicos.

Lem Ferreira é um bairro ou *zona* (a palavra apropriada em *kriolu* local) que apesar de ser localizado dez minutos à pé do bairro mais central, nobre e o único planejado, consta como uma parte da periferia urbana. De fato, o nome “lem”, que também faz parte de “Lem Cachorro”, vem de “além” e, pois, implica algo à margem do conteúdo. Materialmente, não há nada que distinga esse bairro de um bairro vizinho, por exemplo de Achada Grande. Ambos consistem de ruas esporadicamente asfaltadas, casas de um ou dois andares, feitas na sua grande maioria de concreto, e poucos estabelecimentos de comércio ou espaços de lazer organizado. Porém, o sentimento claramente não poderia ser descrito como “harmonia mútua”, ele é de rivalidade. A filosofia *hip hop*, em geral, é utilizar os “elementos” para representar a realidade e produzir sabedoria na competição artística. Ao longo de sua existência, os praticantes de *hip hop* têm articulado a rivalidade nesta

6 Os cabo-verdianos deixam o termo “*thug*”, quer dizer, um membro de uma gangue ou grupo violento de criminosos, em inglês por motivos, ao meu ver, ligados à presença recente dos repatriados, que mal conseguem reintegrar-se numa sociedade na qual eles não cresceram.

forma. Os limites de violência simbólica e física se manifestam na relação entre a cultura *hip hop* e a presença de gangues ou *thugs*.

Com esse histórico, podemos começar a conceber a hegemonia de “margem” na construção física, psicológica e sociológica do cotidiano cabo-verdiano. A margem na cidade de Praia pode ser interpretada em termos de camadas ou níveis estruturais e discursivos. O conceito em comum na opinião pública era que de a imagem e as letras de *rap* do Karaka representavam uma espécie de gangsterismo, de briga e de rivalidade local, e conseqüentemente tinham contaminado qualquer tentativa de outros jovens em Praia de construir algo positivo. De uma certa maneira, pois, essa marginalidade formulava o âmago do que constituía a cultura expressiva da juventude.

“Karaka”, um nome curioso em português do Brasil devido às conotações negativas, tem um significado na língua *kriolu*, segundo o Pablo, de um “pagode” ou uma reunião festiva de amigos do bairro. Quando finalmente consegui marcar um encontro com a rapaziada do Karaka – uns dez homens na faixa de 20 a 25 anos – o que me chamou a atenção foi a preocupação deles com as margens do seu próprio bairro. Apesar de se identificarem com o bairro Lem Ferreira inteiro, um deles, Dog, o produtor principal do grupo, me explicou na saída que:

Aqui em Lem Ferreira é tudo nós. Tudo tranquilo aqui dentro. Mas a gente tem que ficar de olho, por exemplo, nessas casas. Tem uma divisa, tipo passando essa rua, as casas e os moradores são mais expostos. Você está vendo aquele muro, é diferente do que você viu perto da praça conosco. É menos forte. São pessoas novas na zona. Tem muita gente de outros bairros (Safende, Ponta D’água, mas especialmente Achada Grande) que quer mexer conosco, vê a gente como um alvo, se acha melhor que a gente... Todo mundo sabe quem é de onde, quem é de dentro e quem é de fora... Mas o Karaka deixa as coisas mais calmas pro nosso bairro¼

Em sua explicação, Dog articula não somente a lógica de inclusão e exclusão, mas a localiza nas estruturas residenciais, nas ruas e nas paredes. Como alguém de fora, não observei o que é nitidamente significativo para os moradores. Durante uma outra visita, reparei que os muros “marginais” dentro do bairro Lem Ferreira são mais finos e baixos. São mal acabados, com rachaduras estruturais expostas, aparentemente feitas com um concreto mais poroso. Prestei atenção na acumulação dos flocos de concreto no chão e poderia imaginar uma lixa a dissolver o muro. Geograficamente, os muros são mais visíveis aos passageiros nas ruas de divisa entre Lem Ferreiro e Achada Grande, tanto quanto os meios de transporte transitando entre o bairro de comércio central, Plateau, e vários

pontos residenciais periféricos. A praça e as ruas mais internas do bairro onde o Karaka atua e mora não podem ser definidas como um setor de luxo, mas sim relativamente estável. Outrossim, é a presença estética, tátil das paredes em sua construção que representa uma marca de distinção e, por extensão, uma preocupação pelos próprios moradores, até os que supostamente atuam como um elemento corrosivo da sociedade juvenil em geral.

Podemos explorar mais ainda esse ponto de vista, porque a partir do momento em que foi aceita a teoria de que há uma relação entre o lugar e o discurso a “margem” virou, por exemplo, no Brasil, numa maneira literal, o “marginal”. O lugar contribui na construção da pessoa. Nos anos 1920 um dos fundadores da “escola de Chicago” de estudos urbanos, Robert Park, entendia o “marginal” como alguém que ocupa dois sistemas culturais e, por isso, representa um tipo de hibridez (Park, 1928). Para Park, a margem é um lugar de confusão, que no final das contas libera a pessoa para desenvolver sua criatividade. Na próxima seção analiso um exemplo que conecta um outro tipo de material “marginal” com a construção identitária e espacial sobre a cidade.

Caso de São Paulo: a margem como protagonista e epistemologia

A margem, representada na figura do marginal e, mais especificamente, do *hip hopper*, utiliza a cultura expressiva e popular não somente para estabelecer uma categoria reconhecida de identidade, mas também para ocupar e pois redefinir os espaços centrais da cidade. No Brasil, a margem se manifesta espacialmente no fenômeno da *periferia*. Ela é tanto um espaço material quanto uma ideologia contestada. Ela é um lugar de autoconstrução, de abandono do estado e de um preconceito marcante. Para a socióloga Janice Perlman, a marginalidade no Rio e no Brasil em geral não tem nada a ver com comportamento, vício ou efeitos psicossociais de migração, pois ela recusa as teorias da escola de Chicago. Nos anos 1960 e 1970 Perlman afirmava que a marginalidade é um resultado da exploração e da opressão pelo governo, na sua formação de uma ditadura militar, e das camadas de elite na sociedade brasileira. De fato, ao longo do século XX e até o período atual a presença da margem, em termos demográficos e discursivos, só tem crescido (Perlman, 1976; Maricato, 2001; Kowarick, 1985; IBGE, 2000).

Se o(a) “marginal” representa um arquétipo do conhecimento da periferia, o que ele(a) conhece? E, por extensão, que tipo de efeito tem sua sabedoria no padrão de senso comum sobre a cidade? A cultura expressiva do *hip hop* trata dessa questão em termos espaciais, nos seus sentidos materiais e ideológicos. O(a) *hip hopper* afirma sua autoridade por meio de sua experiência com a paisagem (sub)

urbana, que por sua vez se transforma em “pontos”⁷ narrativos de letras de *rap*, criações sonoras (composições dos DJs), imagens públicas (grafite) e movimento corporal (dança de rua). Em essência, estes são os pontos de interseção entre arte e urbanismo, os quais se constituem em significados renovados da periferia e portanto de São Paulo como um todo (Pardue, 2011).

No meu primeiro projeto etnográfico, em minha convivência com os praticantes de *hip hop* na periferia de São Paulo, percebi que o local “no fundão” continha uma base material e simbólica de autenticidade e autoridade. A questão é representar essa articulação entre espaço e produção estética e cultural. Apresento o caso de “Mister Bronx” para demonstrar uma força material e ideológica da periferia por meio do *hip hop* sobre a cidade.

Rapper, fanzineiro, *blogger* e ativista veterano de *hip hop*, Bronx cresceu e continua a morar no bairro de Parque Santa Madalena, na periferia de São Paulo, zona leste, perto da divisa entre os municípios de São Paulo e Santo André. Nós nos conhecemos em 1996 numa aula do idioma iorubá, no antigo centro cultural Canhema, no município de Diadema, o espaço atualmente conhecido como Casa de Cultura Hip Hop, reconhecida pelo governo como um “ponto de cultura”. Encontramo-nos novamente em 2007 num evento de *hip hop* numa escola pública na zona leste, patrocinado pelo CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente). Estávamos conversando sobre um tema muito comum entre os *hip hoppers*, a “correria”, quando o Bronx começou a refletir: “para ser um cara *informado* e respeitado, eu precisava desenvolver um senso melhor dos lugares e das coisas”; Bronx continuou:

Ser *hip hopper* é informação. A correria me levava aos lugares, às pessoas. Na procura pra ficar informado, eu fui conhecendo novos lugares, fui construindo uma imagem da cidade maior, uma imagem de mim maior também. Fui produzindo mais e mais coisas, fanzines, músicas, desenhos, rascunhos, *t-shirts*, logotipos, enfim, idéias para trocar com os manos. Estava muito envolvido, igual todo mundo de *hip hop*... Às vezes a gente conquistava um espaço no centro ou numa praça qualquer na cidade... você fica muito concentrado na expressão e se expõe ao público... é claro, tem as diferenças... Tenho essas memórias de uma senhora no ônibus me perguntando o que eu pretendia fazer com toda essa papelada (minha fanzine na época). Ela tentou ser mais clara^{1/4} que eu parecia diferente, obviamente eu não era mendigo coletando

7 Veja especificamente a descrição de Hecht sobre os “pontos” e “galeras” e a noção de agência social na geografia urbana (1998: 42-47).

papel de rua, sendo um belo sábado e tal (acho que ela me viu como um office boy, algo assim, negro jovem [fora do lugar]). Falei que esses papéis eram minha revista. A senhora gostaria de receber uma para a viagem?

A fanzine, o meio de comunicação mais popular e acessível nos 1980 e 1990 entre os *hip hoppers*, é um produto intencionalmente caseiro. Cheia de tipografias variadas entre manuscrito, “*courier*” de jornal, e cursivo-barrocas, até góticas, xerocadas no gráfico da esquina no centrinho do bairro, grampeada, às vezes, aleatoriamente, multiplicada de tamanhos diferentes, a fanzine exhibe-se como uma espécie curiosa de material feito à mão. A fabricação e a reprodução da fanzine são uma farsa de capitalismo “mecânica”, um processo moderno, no qual cada exemplar reproduz um padrão da categoria. Além disso, é uma sátira de “arte” formal, na qual o ideal de individualismo modernista supostamente se manifesta. Por sua vez, a fanzine é uma farsa porque a insistência e a estética de uma colagem caseira faz que a categoria de “periódico” seja deslocada.

No momento de percepção, a pessoa, no caso empírico aqui a senhora no ônibus, fica na dúvida no processo de reconhecimento material do objeto. A presença da fanzine criava, e continua criando, quando aparece, anacronicamente hoje em dia, uma oportunidade de marginalidade nos termos propostos neste artigo, ou seja, em termos de agência e intervenção, expressada na intenção do *hip hopper*. Como vimos, o *hip hopper* Mister Bronx cresce e “ousa” a articular a função dessa pilha de papel num espaço fora do padrão esperado, mas dentro de um padrão “*emic*” de *hip hop* paulistano. Interpreto a frase do Bronx, “você fica muito concentrado na expressão e se expõe ao público” como uma reflexão sobre a hegemonia cultural do *hip hop*. Como qualquer outra cultura, a *hip hop* tem estabelecido conceitos de comportamentos, história, e jeitos de ser com um objetivo de tomar uma “atitude” (Pardue, 2010). Outrossim, ela é expressa explicitamente na produção material de som, letra, imagem e, no caso de fanzine, texto.

Por sua vez, a papelada, que representava uma espécie de lixo ou trabalho braçal no espaço moderno de um escritório, ganhou outro sentido na ocupação do “centro” pela margem, na expressão do marginal. Considerando que a anedota do Bronx relata uma experiência de um encontro de fanzineiros, podemos extrapolar e inferir uma ligação entre o material apresentado na fanzine e uma formação de identidade espacial. O caso do Bronx nos mostra a possibilidade de marginalidade ativa e definidora numa substância inerte, as viagens em transporte público, e um lugar classificado e regularizado como “centro”. Seguindo as palavras da geógrafa Doreen Massey, a margem é “construída de movimento, comunicação, relações sociais, que sempre expande além” (Massey, 1992: 14).

A margem acumula capital: um caso de interdependência em Saint Louis

“O lar está no lugar onde você o cria.”

(um morador de Ferguson, um município na área metropolitana de Saint Louis, citado em Moore, 2008)

A frase acima é bastante trivial no cotidiano norte-americano. Ela quer dizer que um indivíduo ou uma família com uma atitude positiva pode criar o sentimento de pertencimento e transformar qualquer espaço num lugar identitário. Nesta seção pretendo amplificar a escala desse ditado popular para pensar o papel da “margem” na criação de um “lar” coletivo, que representa a padronização de uma distinção contemporânea. Enquanto o exemplo do “marginal” *hip hopper* nos revela uma dinâmica intensa entre espaço, movimento e material na construção de uma identidade individual e coletiva, no caso de *Pointe 400* podemos perceber que a “margem” frequentemente existe como uma contradição histórica e ideológica, mas isso não impede, e até pode facilitar, o processo de acumular capital e, por extensão, criar distinção e poder.

O lugar onde hoje existe a cidade de Saint Louis possui uma longa história, que abrange múltiplas ocupações e diversos desenvolvimentos coloniais, pré-coloniais, nacionalistas e translocais. Por estar à beira do rio Mississippi, esse lugar sempre teve importância, e junto a Kansas City representa a grande maioria da população do estado do Missouri. Na espacialização da escravidão no século XIX, o posicionamento do estado do Missouri foi interessante e revelador. O caso histórico de Missouri nos mostra uma trajetória da força da margem sobre a definição de um sentimento (racismo) e de uma afiliação política (contraditoriamente parte da “união” federal).

Hoje em dia é difícil imaginar que a cidade de Saint Louis era uma vez conhecida como a “Nova York do Oeste”, com a segunda maior parte de comércio por navio no rio Mississippi. Com o seu ápice de poder e influência nos meados do século XIX, Saint Louis usufruía não somente de seu posicionamento geográfico, mas também de sua herança geológica. Com reservas ricas de ferro e chumbo, a cidade de Saint Louis se tornou líder industrial na nova época do capitalismo.

No mapeamento socioeconômico dos Estados Unidos da época, o estado de Missouri e a cidade de Saint Louis eram anomalias. Com êxito em virtude da natureza, mas sem a exploração massiva de escravidão, Saint Louis contava com mais *free blacks* do que escravos em 1860. Porém, segundo a maioria dos historiadores, a visão ideológica e econômica era sulista (Shalhope, 1970; Primm, 1981). Nas décadas *antebellum*, que culminaram na Guerra Civil americana entre 1861 e

1865, o Missouri era um estado de escravatura cercado por estados “livres”. Além disso, ele era um estado composto de um número crescente de imigrantes, principalmente alemães. Eses fatos sociopolíticos de enquadramento e de “invasão” resultaram num sentimento por parte da população “nativa” e “branca” de medo e precariedade. Para complicar a situação, os alemães, como um bloco político, não apoiavam a escravidão e se inscreveram no Exército federal durante a Guerra Civil. Por consequência, os alemães sofreram ataques violentos por grupos vigilantes de cidadãos missourianos. A força alemã foi substancial e influenciou a decisão da Assembléia Estadual (*State Congress*) para que o estado de Missouri se alistasse ao lado da “união”, apesar de ser um estado com uma população de escravos (“*slave state*”). De fato, o Missouri foi o último estado a abolir a escravidão, quase um ano depois dos estados sulistas (Lee, 1951).

O excepcionalismo do Missouri e de sua cidade estratégica, Saint Louis, é fruto da margem. A noção e as leis de cidadania americana foram ajustadas devido à situação do estado de Missouri, e durante a primeira metade do século XIX houve várias tentativas de criar uma categoria para negros livres baseada nessa polêmica (Kettner, 1978). Em seu artigo, o antropólogo Philippe Bourgois (1989) destaca o poder ideológico e espacial de raça na sua interpretação dessa contradição:

A confusão de posicionamento político e a violência cercando o *status* de “estado-escravo” do Missouri durante a Guerra Civil demonstram bem a maneira que suas fronteiras estruturais norte/sul/oeste o capacitam a polarizar os debates nacionais sobre a raça num modo excepcional (Bourgois, 1989: 117).

Para a proposta deste artigo, eu prefiro interpretar essas dinâmicas, até contraditórias, como exemplos do papel da margem na formação material e semiótica do sujeito. A margem em relação a Saint Louis se compõe de traços imaginários expressados no racismo e na xenofobia, uma posição geopolítica fragmentada entre “*south*” e “*midwest*”, em termos contemporâneos, dependendo com quem se conversa, e uma urbanização estrutural e material. Tal como não foi aleatório que Missouri tenha sido o último estado a abolir a escravidão, não é à toa que a cidade de Saint Louis foi a primeira cidade nos anos 1920 a incorporar a “rua privada” e, por extensão, o “condomínio fechado” em seu plano residencial de urbanização. Muito antes do discurso terrorista do ex-presidente Nixon sobre as “*fortress cities*”⁸ de Nova York, Los Angeles e Chicago⁹, a “margem”, na manifestação e no imaginá-

8 Nixon utilizou a frase “*fortress cities*” no relatório de 1969 para a National Commission on the Causes and Prevention of Violence, estabelecida pelo presidente Lyndon B. Johnson em 1968.

9 O crítico Mike Davis descreve a cidade atual de Los Angeles como uma arquitetura que representa “uma sintaxe neomilitar [que] implica violência e inspira perigos imaginários” (2006: 226).

rio do outro, faz parte da essência da identidade de Saint Louis. Encontramos em Saint Louis atual um precedente histórico de uma estrutura urbana, isto é, condomínio fechado/*gated community*, que tem sido reproduzido em escala massiva no mundo inteiro. Paralelamente, encontramos uma nova “margem” vocal, rica e organizada de certos subúrbios e *exurbs* com poder político e econômico sobre o processo atual de “revitalizar” ou renovar o centro de Saint Louis. A influência desse tipo de “margem” se evidencia no discurso jornalístico suburbano, que em alguns casos começou nos anos 1920. Nesta seção interpreto esta voz de poder.

A margem e a interdependência

Meu argumento em favor de um conceito de “margem” mais amplo e engajado não é de forma alguma uma tentativa de separá-la da noção de “centro”. Pelo contrário, ofereço uma perspectiva da cidade contemporânea como um momento de uma relação constante de objetos imaginados e concebidos de distinção, que essencialmente são produtos de noções, presenças e estilos da margem. O que consta como a história particular de um lugar, tal como o estado de Missouri ou a cidade de Saint Louis, continua sendo visível na segregação espacial: os portões inspirados na arte barroca e ruas peculiares sem saída¹⁰. Tais presenças como parte de uma estética espacial e arquitetônica, porém, são cotidianas no meio das paisagens urbanas nos Estados Unidos inteiros. Em outras palavras, enquanto as histórias demográficas, por exemplo, de Saint Louis e Los Angeles são diferentes, pode-se encontrar estruturas parecidas constituídas por uma “margem”, seja um discurso de medo, seja de exotismo. Dessa maneira, a *gramática* dos padrões materiais de marginalidade é anistórica.

O relacionamento iniciado pela marginalidade também é recursivo, considerando que não é só que a presença do outro influencia a estruturação do centro da cidade, mas também, especialmente nos Estados Unidos, os que moram nas margens contemporâneas, os chamados subúrbios e os mais distantes *exurbs*, têm reimaginado, redesenhado e implementado o velho *downtown* nos seus, supostamente, espaços vazios.

Para a proposta desta parte do artigo tenho baseado minha metodologia neste fato, ou seja, tenho me concentrado nos acervos de textos jornalísticos

10 A área de Saint Louis como uma entidade tem se tornado mais segregada desde 1970. Utilizando o índice Farley, que é baseado nos números de “negros” e “brancos” nos distritos residenciais, Saint Louis continua sendo uma das mais segregadas cidades nos Estados Unidos, com um índice de mais de 90. Se o índice fosse zero, significaria que os dados demográficos seriam precisamente iguais. John Farley é professor da Southern Illinois University em Edwardsville e membro do Center for Urban and Environmental Research.

oriundos das *exurbs* e menos do jornal convencional de Saint Louis, *The St. Louis Post-Dispatch*. Por exemplo, *The Suburban Journals* é um grupo de jornais no nível de distrito na zona sul de Saint Louis, historicamente mais “branco” do que a zona norte, e município, especialmente nos condados oeste e leste da cidade. Em geral, os jornais representam uma perspectiva do morador, que na maioria das vezes nasceu na cidade de Saint Louis e se mudou para os subúrbios. Segundo minhas conversas com jornalistas que trabalham para o *Suburban Journal*, a visão desses jornais sobre a cidade é uma de uso e entretenimento, mas não de cotidiano. O dia a dia de Saint Louis representa um medo e uma falta de organização, felizmente evitados pelos moradores “marginais”. Porém, a imaginação do “centro” tem seu lugar no reconhecimento de estruturas arquitetônicas na paisagem residencial. A jornalista Laura Brunts relata a explicação de um profissional da área imobiliária:

É a ideia de trabalhar, brincar e morar na mesma área. Recebemos muita gente de cidades maiores, que já nem pensam duas vezes”, Cooksey diz. “Eles vão direto para esses lugares *mixed-use* (uso múltiplo), porque eles estão bem acostumados (Brunts, 2006).

Em sua matéria, Brunts implica que o modelo de *old town*, incentivado por iniciativas políticas envolvendo benefícios de impostos e financiamento ligado aos movimentos de patrimônio, é facilmente reconhecido pelos migrantes (com condições socioeconômicas) das cidades maiores. Alguns municípios, tais como Kirkwood e Richmond Heights, têm tido êxito em vender e reestruturar seus terrenos suburbanos como lotes historicamente enraizados e esteticamente atraentes (Jones, 2000). Frequentemente, tal imaginação “marginal” da cidade baseia-se na imagem reproduzida e circulada na arte popular, na mídia e na *memorabilia* familiar da aldeia/ *small town* americana dos anos 1950 (Brunts, 2006), incluindo fachadas de tijolo com toldos listrados e postes pretos de iluminação da rua que exibem cestas penduradas cheias de flores coloridas, dando um enquadramento linear e simétrico da rua de paralelepípedo, a Main Street.

Até este ponto, tenho descrito o fenômeno de Saint Louis através de generalizações e suposições anedóticas. A seguir, apresento e analiso o caso de um prédio, *Pointe 400*, localizado no centro de Saint Louis, de uma perspectiva marginal. Mapeado nos eixos epistemológicos de espaço e tempo, a construção e significância de *Pointe 400*, um fenômeno cotidiano, até trivial, na paisagem urbana americana, dependem de uma interdependência de intervenções marginais, a fonte da distinção local, e práticas convencionais de um planejamento padronizado. Central na renovação material desse prédio está um outro relacionamento

interdependente entre o gerenciamento da *exurb* e o estilo “urbano” de moradia ou uma espécie de urbanismo.

O contexto histórico é importante para compreender o impacto de marginalidade. O *Pointe 400*, até recentemente, era conhecido como *The Pet Milk Building*, que foi construído em 1969 e representava uma marca na arquitetura brutalista ou “*new brutalism*”. Esse era um movimento socioarquitetônico, particularmente influente na Europa, baseado no material cotidiano, deixado jogado fora durante a Segunda Guerra Mundial, e numa ideologia igualitária de interação entre as classes, tanto quanto uma exposição arquitetônica da função da estrutura (Banham, 1966). O estilo marcante do *Pet Milk Building* incluía blocos imensos de concreto áspero e painéis vastos de vidro. De fato, o prédio era e continua sendo estranho no contexto de Saint Louis, porque ele é um dos únicos edifícios no centro que não utiliza tijolo como o tema principal de sua composição.

Dito isso, a intenção empresarial era convencional. Em 1969, Pet Milk já era um conglomerado de produtos alimentares bem estabelecido e *multi-brand*, com uma forte história regional no sul do estado de Illinois, região vizinha a Saint Louis¹¹. No fim do século XIX a empresa se transformou com a inovação no formato de latas de leite tamanho-nenê (*baby-sized*), que resultou numa patente e na marca da corporação, “Our Pet Evaporated Cream”, em 1895²⁵. Ao longo da primeira parte do século XX, Pet desenvolveu um sistema consistente de *networking* favorável e de acumulação de capital que lhe rendeu muitos elogios na *World Fair* de 1904, que se realizou em Saint Louis, e contratos substanciais com o governo federal durante a Primeira Guerra Mundial. Com o crescimento na distribuição de leite fresco no começo dos anos 1950, Pet começou a se diversificar no mercado e até o momento de sua mudança para o prédio em Saint Louis já tinha adquirido várias empresas menores, que produziam comida de “passatempo” (*snacks*), queijos e geléias.

Porém, no fim dos anos 1960 a cidade de Saint Louis já tinha entrado num declínio e começou a se fragmentar, um processo referido como “desindustrialização”. A mudança da empresa para seu novo prédio na rua 4 Sul, número 400, ocorreu no meio de uma greve na empresa Haussmann de refrigeração, uma aquisição recente da corporação, e de uma fase de lentidão no mercado imobiliário e de construção de supermercados. As demissões subsequentes de centenas de funcionários, incluindo gerentes, dentro do espaço deste prédio, esteticamente inspirado em socialismo e modernismo, representa uma contradição palpável.

11 Em 2000, General Mills, Inc. comprou Pet Milk, atualmente conhecida por Pet, Inc.

Em 2005, a empresa Balke Brown Associates comprou o prédio e durante os dois anos seguintes transformou o *Pet Milk Building* num lugar chamado *Pointe 400*, um complexo residencial de apartamentos de luxo com aluguéis entre \$ 1,000 e \$ 4,000¹². Segundo o gerente do projeto, Andy McDonell, da Brinkmann Constructors, uma empresa localizada no condado *exurb* de Saint Charles, a manutenção da composição de concreto e vidro foi crucial para a integridade do projeto. Tal fidelidade estilística resultou na distinção peculiar ao prédio de ser formalmente reconhecido pelo National Register of Historical Places, uma agência do governo federal. Do ponto de vista do consumidor atual, os novos moradores, o *Pointe 400* é atraente, porque lembra de um passado quando o centro de Saint Louis era um sinônimo de cidade em crescimento demográfico e saldos positivos de impostos urbanos.

Segundo o vice-chefe do departamento policial de Saint Louis, Stephen Pollihan, o *Pointe 400* representa um centro “revitalizado”. Ele continua: “a cidade [St. Louis] está se reconstruindo. Vejo isso em todo bairro – gente fazendo reformas, empresas investindo no centro. É animador, e tem criado um sentimento de otimismo, que acho que vai continuar a crescer. Por isso, pensei que aqui [Pointe 400] seria um lugar bom para morar” (apud Mauriello, 2010).

O que é marcante sobre o projeto do *Pointe 400*, em termos de significação material e social, é o nível de interdependência entre os restos de material pós-Segunda Guerra Mundial e os ideais sociais e modernos, entre empresas enraizadas nos subúrbios e renovações do centro urbano, e entre o *marketing* capitalista de localidade e o conflito socioeconômico. No caso do *Pointe 400* podemos perceber que a construção do sentido espacial é dinâmica e essencialmente dependente da “margem” em escalas múltiplas. A semiótica do prédio consiste de uma ligação entre a presença visceral (*firstness*) da composição marcante do material do edifício e a padronização do mesmo (*thirdness*), gerenciado por uma empresa nas margens da cidade, mas em nome da cidade nostálgica e sensorial (*city feeling*). A ironia cotidiana do *Pointe 400* é que sua *makeover* ajuda a apagar os traços socioeconômicos de uma indústria convencional, mesmo quando seu atual êxito depende de uma nostalgia do passado (Mauriello, 2010).

12 Vale ressaltar que a cidade de Saint Louis nos *rankings* de 2009 foi considerada a segunda cidade mais barata dos Estados Unidos (lugares com mais de 1 milhão de habitantes na área metropolitana) em termos de custo de vida (http://www.kiplinger.com/tools/bestcities_sort/index.php?sortby=cost&sortorder=ASC; acesso em 2 abr. 2010); portanto, aluguéis de 2 ou 3 mil dólares são até mais impressionantes.

Conclusão

O ponto de partida deste ensaio foi: a *margem* define a entidade. Além das conotações e aplicações traçadas aqui, gostaria de retomar brevemente o comentário sobre a associação entre a margem e a modernidade. Vimos, no caso do Brasil, que o *hip hopper* “marginal” tem ocupado um papel social reconhecido de uma certa maneira pela história nacional e até continental. Podemos inserir esse *hip hopper* numa “tradição” de marginalidade, que fundamentalmente tem constituído a modernidade e a modernização brasileiras. Podemos aproximar teoricamente as figuras calibanescas e antropofágicas, as vezes carismáticas, como Antônio Conselheiro, outras vezes triviais, como o fanzineiro Mister Bronx, com as configurações espaciais, tais como os quilombos, a periferia suburbana.

Neste artigo demonstrei que há várias camadas e escalas de gente, material e símbolos que compõem “a margem”. Por meio de uma observação crítica de sae material, podemos perceber que a lógica de muros residenciais num bairro marginal na cidade de Praia em Cabo Verde, de papel barato num ônibus em São Paulo e de mogno de Honduras incorporado a um bar na Califórnia, tanto quanto a lógica da favela e da *exurb*, oferecem alternativas ao raciocínio moderno. A margem fala e fala alto. O estigma/o *status* de Lem Ferreira, Parque Santa Madalena, Saint Charles, Missouri, ou Irvine, Califórnia, depende da coletividade na essência; um vem de exploração, lixo, cultura popular, e uma proximidade obrigatória, enquanto o outro vem de um projeto empresarial e especulativo, facilitado pelo trabalho braçal de migrantes. Ambos misturam material e ideias justapondo a localidade e o fetiche do estranho.

A ligação entre espaço e tempo pode se encontrar no processo de (re)produção. O fenômeno de padronização ou *standardization* entrelaça as dinâmicas semióticas da estética de *firstness*, uma força sensorial e atraente, que gera significância através de sua presença, e do hábito de *thirdness*, uma convenção na rotina de percepção e produção empírica que facilita a nossa organização espacial e social. A “gramática” de “*little boxes*” suburbanas¹³, de *faux* colunas e arcos romanos e de ruelas e paredes improvisadas se reproduz numa escala que, por consequência, reproduz a concepção social do lugar.

Como acadêmicos investidos nos projetos de *design*, representação, e explicação, nosso “sentido”, ao meu ver, não é uma celebração da margem. Não

13 *Little boxes* refere-se a uma música recentemente utilizada na trilha sonora de abertura de um seriado popular nos Estados Unidos, *Weeds*, cujas imagens demonstram numa maneira exagerada e caricaturizada o processo de padronização material e social nos subúrbios americanos. Pode-se assistir ao clipe no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=i8StRAJCork>.

quero implicar uma reificação da margem como o lugar da verdade sobre o modernismo e a atualidade, um espelho definido da realidade. Outrossim, afirmo que, nas palavras da historiadora e crítica, Gayatri Spivak, podemos nos engajar numa “aceitação radical de vulnerabilidade” (Spivak, 1990: 18). Em geral, nós temos o privilégio de ter as condições de evitar as formas e os discursos essencialistas de Bauhaus, “favelado”, imigrante (a preocupação da Spivak) e/ou WASP (*white, anglo-saxon protestant*). Devemos usufruir das possibilidades da “margem” para desenvolver um vocabulário, um *design* urbano e um discurso de cidadania de “intimidade porosa” (Holston, 2008: 24), que abordem melhor a interdependência entre margens e centros, para apreciar a *diferença/difference* em nossas vidas cotidianas não somente como uma relação, mas também como uma presença, um *firstness*, que muitas vezes inspira as formas e os símbolos convencionais da atualidade.

Referências

- ARANTES, Antonio A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, Editora UNICAMP, 2000.
- BANHAM, Reyner. *The New Brutalism: Ethic or Aesthetic*. London, Reinhold, 1966.
- BOURGOIS, Philippe. If you're not Black, you're White: A History of Ethnic Relations in St. Louis. *City and Society* 3(2), 1989, p. 106-131.
- BRUNTS, Laura. When “Downtown” Moves to the Suburbs. *Suburban Journals*, 23 ago. 2006.
- CAGDAS, G. A Shape Grammar: The Language of Traditional Turkish Houses. *Planning and Design* 23(4), 1996, p. 443-464.
- CARPO, Mario. La desapa de los identicos. La estandarizacion arquitectonica en la era de la reproduccion digital. In: ORTEGA, Luis (Ed.). *La digitalización toma el mando*. Barcelona, Gustavo Gili, 2009, pp. 59-65.
- DAS, Veena, e POOLE, Deborah. State and its Margins: Comparative Ethnographies. In: DAS, Veena, e POOLE, Deborah (Eds.). *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe, School of American Research Press, 2004, pp. 3-34.
- DERRIDA, Jacques. *Of Grammatology*. Baltimore (MD), John Hopkins Press, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *The Truth in Painting*. Chicago, University of Chicago Press, 1987.
- DUARTE, José P., e ROCHA, João. A Grammar for the Patio Houses of the Medina of Marrakesh: Towards a Tool for Housing Design in Islamic Contexts. *Generative Design Systems*, eCAADe 24, Session 20, 2007, pp. 860-866.
- GENOVA, Nicolas de. Migrant Illegality and Deportability in Everyday Life. *Annual Review of Anthropology* 31, 2002, pp. 419-447.

- HOLSTON, James. *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil*. Princeton (NJ), Princeton University Press, 2008.
- JONES, E. Terrence. *Fragmented by Design: St. Louis: Why St. Louis Has So Many Governments*. St. Louis, Palmerston, & Reed, 2000.
- KETTNER, James H. *The Development of American Citizenship, 1608-1870*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1978.
- KLEIN, Naomi. *Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. New York, Picador, 2008.
- KLEIN, Naomi. *No Logo*. New York, Picador, 2009 (10th Anniversary Edition).
- KOWARICK, Lúcio. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- LEE, Bill. Missouri's fight over Emancipation in 1863. *Missouri Historical Review* 45(3), 1951, pp. 256-274.
- MADREDEUS. À Margem. O Paraíso. Metro Blue, 1997.
- MARICATO, Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo, HUCITEC, 1996.
- MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades*. Petrópolis, Vozes, 2001.
- MARX, Karl. *Capital: Volume 1: A Critique of Political Economy*. New York, Penguin, 1992.
- MASSEY, Doreen. A Place Called Home. *New Formations* 17, summer 1992, pp. 3-15.
- MAURIELLO, Maria J. Pointe 400 building mixes modern feel with old look; disponível em <http://stlouis.bizjournals.com/stlouis/stories/2007/03/19/focus11.html>; acesso em 7 abr. 2010.
- MOASSAB, Andreia. Globalização, neocolonização e urbanização na África. *Teoria e Debate*. Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/internacional/globalizacao-neocolonizacao-e-urbanizacao-na-africa>
- MOORE, Doug. Growth in Cities is Fueled by Whites. Across Metro Area, outer Counties are Slowly Becoming more Diverse. *St. Louis Dispatch*, 7 August 2008.
- OMI, Michael, e WINANT, Howard. *Racial Formation in the United States, from the 1960s to the 1990s*. New York, Routledge, 1994.
- PARDUE, Derek. *Brazilian Hip Hoppers Speak from the Margins: We's on Tape*. New York, Palgrave MacMillan Press, 2011.
- PARK, Robert. Human Migration and the Marginal Man. *American Journal of Sociology* 33, 1928, pp. 881-893.
- PEIRCE, Charles S. *Reasoning and the Logic of Things*. Cambridge, Harvard University Press, 1992 (The Cambridge Conference Lectures of 1898).
- PEIRCE, Charles S. *The Essential Peirce, Selected Philosophical Writings (1893-1913)*. Bloomington (IN), University of Indiana Press, 1998.

- PERLMAN, Janice. *The Myth of Marginality*. Berkeley, University of California Press, 1976.
- PRIMM, James Neal. *Lions of the Valley*: St. Louis, Missouri. Boulder, Colorado: Pruett Publishing, 1981.
- RACIONAIS MCs. *Vida Loka. Nada como um dia após o outro dia*. Unimar Music, 2002.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. São Paulo, Studio Nobel, 1999.
- ST. LOUIS DISPATCH. Editorial. *Sprawling On*, 25 March 2008.
- SAVAGE, Charles. *Architecture of the Private Streets of St. Louis: The Architects and The Houses they Designed*. St. Louis, University of Missouri Press, 1987.
- SHALHOPE, Robert E. Eugene Genovese, the Missouri Elite, and Civil War. *Historiography*. *Bulletin of the Missouri Historical Society* 33 (2), 1970, pp. 94-102.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues*. Ed. Sarah Harasym. New York, Routledge, 1990.
- STINY, George e GIPS, James. Shape Grammars and the Generative Specification of Painting and Sculpture. *Information Processing* 71, 1972, pp. 1460-1465.
- TSENG, Mitchell M., JIAO, Jianxin, e MERCHANT, M. Eugene. Design for Mass Customization. *CIRP Annals Manufacturing Technology* 45(1), 1996, pp. 153-156.
- WAGMAN, Jake. Blacks join trek to far suburbs. *St. Louis Post Dispatch*, 17 August 2005.

Recebido em: 06/05/2013

Aceito em: 17/06/2013

Como citar este artigo:

PARDUE, Derek. Uma perspectiva marginal. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013, pp. 447-466.